

Suplemento Cultural

Oscar Niemeyer é presença eterna em Campo Grande

“A estátua invencível atravessa os séculos.
Nem o mar nem o tédio a desgastam.”
Murilo Mendes

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA
– escritora, professora, doutora
honoris causa pela UFMS e UCDB



ARQUITETO OSCAR NIEMEYER – O ‘Poeta do Cimento’, como era chamado na Europa (projetou Brasília), confeccionou graciosamente a planta comum aos colégios estaduais de Campo Grande e Corumbá

Ainda recordo o sorriso cheio de entusiasmo com que o Governador Fernando Correa da Costa nos deu a notícia. A face robusta corava de puro orgulho, enquanto os olhos emitiam lampejos de incontida satisfação: “Tenho uma grande novidade para vocês, professores e alunos do Estadual. Oscar Niemeyer, o arquiteto de Brasília, me ofereceu, sem nada cobrar do Estado, as plantas das escolas de Campo Grande e Corumbá.”

Acompanhando algumas vezes a diretora Maria Constança de Barros Machado e o governador na vistoria da obra, vi-o enfatizar o que representaria para o Estado contar em seu patrimônio com uma joia brotada do cérebro privilegiado de artista singular, autor de obras no mundo inteiro. O monumento edificado na então Rua Y Juca Pirama, hoje Cândido Mariano, deveria desafiar séculos sem os desgastes do tédio e de outras transformações...

No dia 17 de agosto de 1954, uma segunda-feira, a inauguração do então Colégio Estadual Campo-grandense foi acontecimento memorável, com discursos do Governador Wilson Martins, banda de música, hinos, no clima advindo de consciência de que nova era no

terreno da educação se iniciava em Campo Grande.

A verdade é que ele ganhou merecida fama do melhor estabelecimento de ensino secundário da cidade de Campo Grande. Os alunos que ali terminavam o segundo grau eram aprovados sem fazer cursinho nas melhores faculdades do País.

Durante longos anos as colunas do Estadual funcionaram como a metáfora do milagre arquitetônico numa cidade que parecia sem horizontes no terreno das construções, que quebravam padrões nos ramos do design e da estética. Hoje ele se ergue como monumento de abrigo ao sonho, à fantasia de criar, sugerindo aspectos novos, segundo cada ângulo de onde podem ser vistos cada um de seus aspectos. Por seus corredores deslizaram sonhos de

futuros políticos, poetas, profissionais das mais diversas áreas, que respiraram em suas paredes o sonho de viver e lutar por uma vida repleta de significado.

Houve tentativas inúteis de intervir em sua estrutura inicial. Enquanto dirigiu o estabelecimento, Dona Constança resistiu bravamente à sugestão de transformar a cantina da escola em laboratório do Instituto de Ciências Biológicas, que ali instalara suas atividades. Para ela constituía verdadeiro sacrilégio tocar mesmo de leve numa obra de Niemeyer.

Hoje que o “poeta do cimento”, como Niemeyer era denominado na Europa, desapareceu aos 104 anos de generosidade, talento e lucidez, nosso olhar se enche de puro orgulho ao contemplarmos essa

“

No dia 17 de agosto de 1954, uma segunda-feira, a inauguração do então Colégio Estadual Campo-grandense foi acontecimento memorável, com discursos do Governador Wilson Martins, banda de música, hinos (...)”

obra que faz parte do patrimônio de nossas maiores conquistas materiais e espirituais.

Retirar da pedra formas tão leves como pássaros em voo era privilégio de quem sabia projetar edifícios repletos de uma luz, que atravessava as paredes e contaminava professores e alunos com sonhos que iluminavam o espírito.

As águas do tempo deslizaram, rumo à eternidade, mas o castelo dos sonhos cresceu. Nada pode desgastá-lo porque sustentado na força da generosidade de um herói que partiu, mas deixou a lucidez do olhar impressa na grandeza dos trabalhos.

FORMIGAMENTOS

LUCILENE MACHADO

Depois que vi o interior de um formigueiro, passei a ter muito mais respeito pelas formigas. Foi em um zoológico. Estava dentro de uma grande vitrine que permite ao visitante observar a engenharia e a beleza de uma sociedade extremamente organizada e limpa. As tarefas são divididas entre as castas e cada uma cumpre instintivamente o seu papel sem nenhuma espécie de liderança. As formigas soldados, por exemplo, têm a obrigação de cuidar do formigueiro e, inclusive, diferem-se das operárias por terem partes do corpo maiores, principalmente a cabeça e as mandíbulas. As operárias fazem o trabalho pesado como construir o ninho, coletar comida e água, limpar a casa, alimentar as larvas, os poucos machos – pois as fêmeas são maioria – além da rainha. Esta tem um porte físico mais avantajado e uma pré-disposição hormonal para desenvolver um aparelho reprodutor e por isso assume o posto mais elevado. Em uma colônia podem surgir várias formigas com esse biótipo. São as rainhas virgens que durante a primavera voam do ninho, com os machos, para acasalar. É a chamada revoada. Após o coito, o casal perde as asas e retorna ao solo, a fêmea, então, cava um buraco para iniciar a criação de sua própria colônia. Para as espécies sem revoadas,

uma das rainhas abandona seu formigueiro, acompanhada de algumas operárias, e funda uma nova colônia.

Saí do zoológico me sentindo estranha. As formigas perturbaram o meu espírito. Mais que isso: diluíram os meus conceitos sobre a vida em uma infusão incolor. Tudo é instinto. O conhecimento das formigas está armazenado em seus cérebros, deixados em quarentena, e no momento certo elas agem sem que ninguém tenha que determinar nada. Pensei no instinto perverso dos humanos e em nossa pobre estética existencial. A vida humana nunca terá essa elegância porque a nossa natureza é egocêntrica. Pode ser que toda a nossa desgraça esteja no interior desta palavra: egoísmo. Talvez não. Talvez eu seja pessimista por demais e o homem consiga algum dia seguir os ditames de sua própria essência, consiga olhar o mundo como um fenômeno estético, consiga se relacionar, respeitar, cumprir com o seu papel... Aceito isso com tanta indiferença que pareço uma pessoa sem fé. Eu tenho fé, apesar de algumas vezes vê-la esfaçada pelo gume da verdade. Foi o que me ocorreu diante do formigueiro. Voltei tão vazia. Comparava cada ato humano com a política das formigas e elas sempre saíam vencedoras. Com exceção ao fato de ter de alimentar o macho, elas estão bem mais próximas da perfeição. Fiquei com me-

do de desejar ser formiga – no fundo eu já estava desejando – fiquei com medo do desejo crescer, tomar forma, invadir a corrente sanguínea a ponto de eu ter de contar ao psicanalista minha obsessão pelos insetos. Certamente, o psicanalista faria um recorrido sobre o assunto, avaliaria minhas carências e talvez propusesse um tratamento de choque... Não. Fiz um pacto comigo: nunca mais visitar a casa das formigas e nem pensar sobre o assunto.

Ocorre que hoje pela manhã encontrei uma formiga solitária caminhando sobre a pia. Meu instinto humano armouse das armas letais que se pode encontrar numa cozinha, para matá-la. O legado de higiene que herdei de minha mãe imediatamente sinalizou: perigo a vista! Mas no momento em que meu cérebro estabeleceu relações entre a cena e a minha memória afetiva, encontrei uma explicação simplista favorável à sobrevivência da formiga. Esta, a julgar pela cabeça, devia ser uma rainha solteira que se perdeu do macho. Eles são sempre distraídos. Ou talvez o macho estivesse inerte, sem asas, caído em alguma cova, depois do acasalamento, e ela, como sexo forte, saiu a procurar comida. Provavelmente já estava enxertada de um formigueiro todo, e eu não apenas iria matar uma formiga, mas uma legião delas. Corri na geladeira e peguei sobras de arroz cozidos e espalhei

sobre a pia limpa. Não foram muitos, uns dez grãos. Logo a formiga solitária abraçou-se a um deles, o dobro de seu tamanho, e seguiu ofegantemente com o corpo que ora se debruçava para esquerda, ora para direita. Às vezes caía no vazio do granito e voltava outra vez o mecanismo do vaivém interminável, a cadência, o avanço, parecia entregue a uma força que ela mesma provocava e recebia. Havia prazer naquele ato. Disso eu estou segura. Naturalmente tive que atender a outros setores da casa e quando voltei já não havia mais formiga, tampouco arroz. Teria ela convocado as amigas? Teria ela carregado solitariamente todos os grãos? Por minha cabeça passou uma ideia tosca de que a formiga poderia ter vários parceiros esperando comida. Claro, uma formiga pode ter vários amantes. E aí volto à questão do prazer em carregar a comida. Muita comida, muita festa, muitos machos. (De onde tirei esse raciocínio maluco?)

Por ora, é melhor esquecer esse assunto, creio que estou tendo formigamentos no cérebro. Para minha sorte é quase inverno e todas as espécies de formigas já estão recolhidas em seus lares desfrutando da comida que armazenaram no decorrer das estações. Também fechei minhas portas embora a minha espécie continue desprovida de comida, água e seque sofrendo de solidão.

POESIAS

AO INVÉS DE LEITE, COSTUMO TIRAR DELEITE DAS PEDRAS

Desde os primeiros tempos aprendi a não turvar a pedra que me mata a sede...
– ela é pura e precisa.

Que este toque de jaspe habite-me até o fim quebrando o gelo da insensatez...

Ao invés do leite costumeiro costume das pedras tirar deleite...

Ao invés de precisar quantas pedras de gelo precisarei para que meus pés não se deformem ante a minha lápide sepulcral, aprendi que em qualquer tempo os meus passos impuros precisarão das pedras...

RUBENIO MARCELO

SÚPLICA

Vem, amada minha, vem!
Vem hoje que o dia está radiante e o esplendor do céu se faz sentir!
Vem hoje enquanto pulsa um coração feroso no meu peito e uma alma intrépida e bravia roga por teu carinho num clamor olímpico sem fim!

Vem hoje, enquanto há luzes multicores Iluminando em profusão o teu caminho!
Vem hoje... amanhã, quem sabe, trevas sobre trevas, que a vida é curta e fugidia...
Vem hoje, amada minha, que amanhã meu gesto de ternura poderá ser da rosa só o espinho.

Vem hoje que o chão é relva verde, amanhã, talvez, só folhas secas que o vento vai levando de mansinho...
Vem hoje, que há calor e sede ardente...
E por favor, eu te suplico: traze-me a turbulência dos teus beijos para dar nova vida a este meu ninho!...
Vem... vem...

ELPÍDIO REIS

O ENJEITADO

NELLY MARTINS

Manhã de inverno.
Chuva manhosa cai há dois dias e noites.
Fina, lenta, mas teimosa.
O jardim se veste de verde. As folhas lavadas brilham e se mostram frescas.
O céu é chumbo e não promete mudança.
Por trás desse quadro, chega um frio que nos faz encolher e tremer sob casacos e cobertores.
Desconfio que o sabiá esteja na moita de hibiscos.
Tenho pena.
Como estarão se arranjando os filhotes, dos quais ouço um piado fraco!
Será que há calor no corpo molhado da mãe sabiá?
A passarinha se aninha, em ninho fundo como tigela, feito de raízes, folhas e musgos, reforçado por um pouco de barro. Ele ajuda a proteger os bichinhos implumes, nascidos de ovinhos verde-azulados, pintalgados de sépia.
Zelosa, a mãe voa daqui pra lá, de lá pra cá, catando fruta, semente e minhoca arrancada de terra fofo, para dar de comer aos pintinhos, que piam sem parar.
Aflita, ela emite sons de advertência, chamada e alarme quando percebe perigo à vista.
E eu me recordo da outra ninhada.
Não sei por que acabou a sabiá cuidando, só, de um enorme pássaro preto, verdadeiro chopim.
Ela correndo e arranjando alimento para o malandro que não se satisfazia nunca e permanecia atrás da suposta mãe piando, esfaimado.
É assim que vive o chopim, chocado por outras mães que não a sua.
Esta, preguiçosa, despida do sentimento materno, larga seus ovos em ninhos alheios. Liberta e despreocupada, continua seu caminho, sem nunca voltar atrás à procura do filho enjeitado.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

POETA E ACADÊMICO RUBENIO MARCELO LANÇARÁ NOVO LIVRO – será na noite de 16 de maio, no Teatro Prosa (Sesc Horto - Rua Anhanduí nº 200 - Campo Grande), lançamento oficial do livro “Vias

do Infinito Ser” (pela Ed. Letra Livre). Com 192 págs, contendo 115 poemas inéditos em versos livres, com prefácio do crítico literário José Fernandes e apresentação de Paulo Nolasco, a publicação – que é a 11ª obra po-

ética de Rubenio Marcelo – é aprovada pelo FIC-MS. Na pauta de abertura do evento constam seletas apresentações artísticas, como música e declamações (com artistas convidados). A entrada é franca.